



Crônicas 1964.

São Paulo: Xamã, 2007.
(207 p.)

Gianfrancesco Guarnieri
Worney Almeida de Souza
(org.)

Richard Weidlich, neto¹

Ditados populares costumam ter um quê de sabedoria, mas eles têm os seus limites. “Jornal serve é pra emburhar peixe no dia seguinte” é um deles. Em que pese o acerto – e aí estão os *fait-divers* e certo tipo de “jornalismo” político e econômico que diária ou semanalmente o atestam –, os jornais há algum tempo são tidos como documentação importante para o trabalho dos historiadores. Até meados do século passado os jornais eram classificados, no campo da história, como fontes suspeitas, facciosas e sem maior importância. A percepção de que os jornais seriam repositórios valiosos de informações e ideários serviu, desde então, para que a imprensa se tornasse a base de sólidas pesquisas e excelentes trabalhos acadêmicos, bem como fonte de obras que geram, por sua vez, mais pesquisas e novas teses. É sem dúvida este último aspecto que realça a importância da publicação do conjunto das crônicas publicadas por Gianfrancesco Guarnieri (1934-2006) na edição paulista de *Última Hora* e reunidas pelo competente trabalho do jornalista e pesquisador Worney Almeida de Souza.

Gianfrancesco Guarnieri ocupa em nossa história cultural um lugar de destaque, em especial no campo do teatro, seja como autor, intérprete ou diretor. A curta trajetória de cronista de Guarnieri é um daqueles aspectos que sua carreira teatral acabou encobrindo e pondo de lado, transformando sua colaboração em *Última Hora* em algo pouco conhecido. No entanto, essas crônicas – que o próprio Guarnieri chegou a classificar

de “historinhas bem populares”² – revestem-se de dupla significância: de um lado, por estetizar a época em que foram publicadas (às vésperas do golpe militar de 1964) e, de outro, pela condição de quem as escreveu (um artista militante do Partido Comunista Brasileiro – PCB).

Aquele início do ano de 1964, crucial na história do Brasil, também foi um momento importante na trajetória do jovem artista. De um lado, os atores políticos que vinham se defrontando há mais de uma década, desde o segundo governo de Getúlio Vargas no início dos anos 1950, articulavam os últimos movimentos que acabaram por desembocar no golpe militar de 31 de março de 1964. De outro, Guarnieri, consagrado pelo já então clássico *Eles não usam black-tie*, e recém-estreado uma nova peça, *O filho do cão* – cuja temática envolvia a questão dos trabalhadores rurais –, viu-se lhe abrirem as portas de um novo campo nas artes: o da literatura, exercida cotidianamente, a partir de 4 de fevereiro de 1964, por meio de crônicas nas páginas de um jornal fundado por Samuel Wainer em 1951 e identificado com a herança de Getúlio Vargas, o *Última Hora*, e que tinha à frente de sua edição regional paulista – que aí já circulava desde 1952 – o jornalista Jorge da Cunha Lima. Mas, mais que isso, para Guarnieri era também, como militante do PCB, a ocasião de realizar uma tarefa partidária.

Em 1961, após a renúncia – na verdade, uma tentativa de golpe fracassada – do político bandeirante Jânio Quadros e a posse de seu vice, João Goulart, as forças conservadoras que desde 1954 haviam aparentemente se aquietado – embora nunca deixassem de aproveitar eventuais escaramuças para rosnar e mostrar seus dentes –, entraram em ebulição. O nacionalismo do novo governo e sua defesa das chamadas “reformas de base” lhes apontava rumos inaceitáveis, dando-lhes a convicção de que deveriam caminhar de modo firme para tomar o poder sem respeito às regras democráticas, e, dessa vez, atentos para que nenhuma nova “Carta Testamento” como a de Getúlio Vargas lhes atravessasse o caminho. Iniciou-se assim a conformação de um amplo aparato conspirativo para o golpe de Estado. De outro lado, as forças políticas próximas a Goulart também se puseram em posição de confronto. Todavia, iludidas pelo sucesso da Campanha da Legalidade, que garantiu a posse do então vice após a renúncia de Quadros, essas forças entraram no confronto com a visão e a percepção obnubiladas por certa soberba que as impedia de perceber o que se passava à sua volta e de ver como as suas ações serviram, paradoxalmente, de arma aos seus opositores para isolá-los progressivamente na sociedade brasileira.

De tal presunção partilhava o PCB, no qual Guarnieri ingressara em sua juventude no final dos anos 1940. Às vésperas do golpe, em 27 de março de 1964, o então secretário-geral do PCB, Luiz Carlos Prestes, afirmou serem

inexistentes condições favoráveis a um golpe reacionário. E, mais, declarou que, se ele ocorresse, os “golpistas teriam suas cabeças cortadas”. Além disso, os comunistas possuíam uma cega confiança em um suposto “dispositivo militar”, que impediria que setores militares identificados com as forças golpistas se levantassem contra o governo de Goulart e serviria para sufocar quaisquer iniciativas golpistas. Enfim, essa falta de visão, da qual partilhavam muitas forças de esquerda e aliados do governo de João Goulart, fez que o golpe acabasse ocorrendo sem enfrentar qualquer resistência mais organizada. Como sintetizou Jacob Gorender:

A hegemonia da liderança nacionalista burguesa, a falta de unidade entre as várias correntes, a competição entre chefias personalistas, as insuficiências organizativas, os erros desastrosos acumulados, as ilusões reboquistas e as incontinências retóricas – tudo isto em conjunto explica o fracasso da esquerda. Houve a possibilidade de vencer, mas foi perdida.³

Em meio a esse quadro sumariamente traçado é que se situam as crônicas de Guarnieri. Ele sempre escrevera sua produção teatral em jorros: “Eu sempre fui de escrever muito rápido.”⁴ Mas, mesmo assim, Guarnieri testemunhou que, ao escrever aquelas crônicas, fora catapultado a um novo estágio: “Era uma loucura! Eu escrevia todo dia, em cinco minutos, e um rapaz vinha retirar o texto para levar para a redação”⁵. Esse novo processo criativo, por volta da metade de seu percurso, levou Guarnieri à reflexão sobre a nova experiência artística. Na crônica “Para quem?”, publicada na edição de 29 de fevereiro de 1964, antes de tudo, deixou claro qual era o seu público: “E está resolvido: escrevo para você. Para você operário, para você camponês, para você estudante, para você intelectual que não virou larva e vive no mundo e não abdicou de sua condição de homem.”⁶ Deixava explícito que, em suas crônicas, na verdade, o seu personagem central, o seu herói, é o seu público, do qual pretende retratar o “ritmo de sua vidinha tão terra-a-terra, tão cheia de grandes dificuldadezinhas”. Guarnieri espera que seu leitor, em parte com o apoio de suas crônicas, consiga compreender o mundo que o rodeia e possa superar-se e “talvez um dia, encontrando condições, se transforme na imagem barbuda que se chama Fidel, ou em outras iguais de mesma significação”.

Mas o cronista sabia que esse diálogo passava por um trabalho de enorme superação, sobretudo das barreiras criadas entre a intelectualidade e o povo:

Sabe, a gente também tem mil dificuldadezinhas, tem também um ritmo de vida terra-a-terra, só que a gente encontrou meios e possibilidades de poder tentar escapar disso e viver de conversar e dizer coisas e de mexer com o

que se chama de “belo”, veja você! E sabe, isso acaba criando um mundo todo particular, que na sociedade em que a gente vive acaba afastando você, companheiro, podendo você, subestimando você, chamando você de burro, ignorante, ou glorificando, santificando você, mas nunca, meu velho, confraternizando com você, procurando uma justa e verdadeira identificação. Você é povo, meu velho. Eu também sou. Mas você nem imagina quanta coisa, quanta gente, quantos anos, quanta tradição, quantos mal-entendidos, quantos interesses procuram fazer com que a gente se esqueça dessa qualificação. Querem afastar a gente de você. E, o que é pior, muitas vezes em seu nome. E para isso usam tudo. Sabe, um dos maiores fantasmas que açulam contra a gente para que a gente deixe o “mau caminho” tem diversos nomes: “bom gosto”, “originalidade”, “força poética”, “sofisticação”. Companheiro, em nome da *cultura* muitos querem deixar você boiando na conversa, não manjando nada e coisa alguma.⁷

Para Guarnieri, porém, esse salto somente seria efetuado com o apoio de seu público, e lhe lançou um apelo:

Mas pra isso, companheiro, precisamos de ajuda e diária e enorme e farta. A crítica burguesa está em pânico, que nem criança que não consegue encaixar os cubos. Mete lá, companheiro, fala, diz o que pensa, pra mim, pra nossos companheiros. Que só assim, juntando nossas vontades e necessidades, a gente vence a grande parada.⁸

O caminho que Guarnieri encontrou para superar esse fosso foi o de buscar inspiração no cotidiano da vida da cidade e do campo – pouco antes Guarnieri havia conhecido a experiência das Ligas Camponesas em Pernambuco, transformando-a em fonte de inspiração de uma peça de sua autoria que estava em cartaz naquela época (*O filho do cão*) –, fazendo avultar suas contradições para que o seu público nelas refletisse.

Assim, as crônicas de Guarnieri navegam por amplos mares. Ali encontramos, sob a forma cômica ou dramática, os dilemas e as paixões do ser humano, como um carnaval solitário, uma paixão que não encontra seu desenlace, uma festa de noivado, um pai em pânico durante o parto de seu primeiro filho, etc.

Nessas mesmas águas, com a lupa dos problemas sociais, também vemos esses dramas sob um novo olhar, como a fuga de um casal da maternidade após o parto, por não ter recursos para pagar as despesas, o do pai que vai procurar o filho na cidade grande, o do caminho de um pequeno engraxate para a estrada do crime, a luta contra o alcoolismo, o aborto, o homem-

sanduíche que, por ter vergonha de sua profissão, acaba perdendo sua paixão etc. Em vários desses casos avulta uma forma de tratamento da temática por parte de Guarnieri que envolve a exposição do problema sem que ele tenha uma solução ou um final, jogando ao leitor a oportunidade da reflexão.

Muitas das crônicas traçam um claro vínculo com problemas e temáticas da luta social, como a que mostra a importância dos parlamentares comprometidos com as causas populares, as que mostram a luta dos trabalhadores rurais e a criação do sindicato dos trabalhadores rurais, a ação do líder operário para reverter demissões na fábrica, a solidariedade das mulheres dos ferroviários em sua greve, o abandono da vida de iniciante no crime para participar de um círculo de estudos, dirigido por uma de suas vítimas, o trabalho de uma voluntária que vai ao campo para auxiliar na campanha de alfabetização de adultos, a morte de uma criança na favela, o retrato da contratação de trabalhadores avulsos para colheita de algodão em uma pequena cidade etc.

Há também uma espécie de contraponto nas crônicas que buscam retratar as idéias e o modo de vida dos setores conservadores da sociedade, estigmatizados muitas vezes na figura dos apoiadores de Carlos Lacerda, de quem Guarnieri, jocosamente, afirma: “Lacerda é uma rima, não é uma solução”.

Por fim também é importante destacar o conjunto das crônicas, um testemunho literário de acontecimentos daquela quadra vivida pelo Brasil, seja de forma direta, seja na forma de alusão. Assim, de um lado, temos o famoso Comício da Central do Brasil, ocorrido no Rio de Janeiro em 13 de março de 1964, e suas repercussões em São Paulo ou, ainda, a prisão do líder camponês Jofre Correia Neto. De outro, temos referência, numa crônica sobre uma cafetina que chantageia empresários, às mobilizações que redundariam na conhecida “Marcha da família, com Deus, pela liberdade”, ocorrida em São Paulo em 19 de março de 1964.

Além disso, também é importante destacar fissuras no discurso praticado por Guarnieri – afinal, não nos esqueçamos de que ele cumpria uma missão partidária em prol das orientações de seu partido, o PCB. Sobretudo no que se refere às dúvidas que subterraneamente corroíam as certezas que os dirigentes comunistas procuravam transmitir sobre a impossibilidade de golpes por parte das forças conservadoras. A esse respeito, Guarnieri, em uma série de extratos retirados de um depoimento seu dado ao organizador do livro, em janeiro de 2006, afirma que

À medida que foi passando o tempo, de fevereiro até o final de março, houve uma diferenciação em relação às primeiras crônicas, onde eu construía situações de famílias operárias e camponesas. Chegando mais próximo do golpe já era mais ácido, era mais manifesto, incisivo. (...) A coisa ficou inevitável mes-

mo, percebi isso quando eu tive um último contato com um líder camponês. Ali eu descobri que o golpe não tinha volta mesmo.⁹

Essa percepção é extremamente nítida em uma crônica intitulada “Mutirão”, publicada em 20 de março de 1964, em que os participantes comentam a atualidade política. Um deles, Praxedes – talvez uma personificação do líder camponês a que Guarnieri se referiu –, com a concordância dos demais, afirma:

Esse negócio de fica só na confiança não dá muito certo, não. O jeito é fica de olho. Eu por mim já não saio do sindicato. Fico lá de olho, assuntando. Vendo como é que estão as coisa... Porque de uma coisa eu tô convencido: essas reforma vão saí, mas se gente se mexê. Deixá tudo por conta do Alvorada é besteira. Nunca vi governo consegui coisa nenhuma de bom pro povo com o povo parado.¹⁰

Não é muito difícil ver aqui uma crítica do atrelamento que parte da esquerda, incluído o PCB, estabelecera com o governo de João Goulart. Mas, enfim, nesse imenso oceano de possibilidades das quais é possível extrair uma visão muito mais rica e mais próxima daqueles tempos, resta apenas lançar um convite: mergulhe!

Por fim, nunca é demais destacar que a apreensão da riqueza de *Crônicas 1964* é ainda mais acentuada pelo aparato crítico que foi reunido pelo organizador. Sobre e de Guarnieri encontramos em *Crônicas 1964* um perfil biobibliográfico e artístico e trechos de um depoimento do autor sobre sua breve trajetória de cronista. Além disso, Worney Almeida de Souza enriqueceu ainda mais o livro com um relato do teatrólogo e ator Juca de Oliveira sobre episódios de 1964; pela introdução do então diretor do diário paulistano Jorge da Cunha Lima, narrando em que condições ocorreu o convite ao autor de *Eles não usam black-tie*; pelas manchetes de primeira página de *Última Hora* do período em que as crônicas foram publicadas. Por fim, cada um dos textos de Guarnieri se faz acompanhar das respectivas ilustrações originais que diariamente o chargista Otávio (Otávio Câmara de Oliveira, 1930-1995) produzia para os textos, recebendo esse artista também um breve perfil.

NOTAS

¹ Historiador e jornalista pela Universidade de São Paulo (USP). Contato do autor: rweidlichneto@gmail.com.

² ROVERI, Sérgio. *Gianfrancesco Guarnieri, um grito solto no ar*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004, p. 121.

³ GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987, p. 67.

⁴ ROVERI, *op. cit.*, p. 75.

⁵ GUARNIERI, Gianfrancesco. *Crônicas 1964*. São Paulo: Xamã, 2007, p. 61.

⁶ *Ibidem*, p. 127.

⁷ *Ibidem*, p. 125-126.

⁸ *Ibidem*, p. 127.

⁹ *Ibidem*, p. 62-63.

¹⁰ *Ibidem*, p. 177.